AVICULTURA

No mercado interno brasileiro, a deterioração dos salários reais e a fase atual do ciclo pecuário, em pleno ***vale****, inibem a expansão da atividade avícola. O mercado externo foi, em passado não tão distante, uma opção atraente. A política de incentivo à exportação, ora vigente nos* ***EUA*** *e na* ***França****, dificulta, entretanto, o recurso àquela alternativa.*

A consolidação dos dados das exportações brasileiras de carne de aves, em 1987, confirmou as previsões pessimistas dos empresários ligados à atividade. Venderam-se tão-somente 213,8 mil t do produto, que configuraram a pior performance dos últimos sete anos. A razão para esta queda se encontra no acirramento da concorrência mundial (provocado pelas vendas dos **EUA**) e no aumento de 8% registrado na produção do **Oriente Médio**, em relação a 1986.

O aumento de 9,8% verificado na produção norte-americana, entre 1986 e 1987, não teria maior influência sobre o comércio mundial do produto, caso o consumo interno daquele país tivesse evoluído de forma semelhante (ver Quadro 05). No entanto, a relação entre o consumo interno e a produção, que fôra de 97% no período 1983/85, caiu um ponto percentual já em 1986, mantendo-se assim no ano passado, o que acarretou a formação de um **superávit** da ordem de 405 mil t. Tal fato adveio de os avicultores daquele país terem superestimado o avanço do consumo de seu produto, a partir da alteração dos hábitos registrada na atual década, com a tendência à ingestão de alimentos com baixo teor de lipídios.

Assim, ao mesmo tempo em que a oferta de carne avícola nos **EUA** tendia ao aumento, os produtores de carnes bovina e suína preparavam-se para um **contra-ataque**, na tentativa de recapturar pelo menos parte de seu mercado consumidor. Além do mais, a lucratividade da exploração avícola apresentou queda considerável no início de 1987: enquanto a relação de preços frango/ração nos **EUA** aumentara de 3,08, em 1985, para 3,69 em 1986, no ano passado ela voltou para 3,08, prejudicando os ganhos que os criadores obtinham no arraçoamento e que eram comumente direcionados a gastos com o processamento e a publicidade de seus produtos finais (ver Gráfico 01).

QUADRO 05 – EUA – PRODUÇÃO E CONSUMO DE CARNE DE AVES – 1983 A 1987[1]
(em mil t)

ITEM	ANO				
	1983	1984	1985	1986	1987
PRODUÇÃO	7.151	7.427	7.865	8.263	9.069
CONSUMO	6.955	7.223	7.628	7.967	8.664
CONSUMO/PRODUÇÃO	97%	97%	97%	96%	96%

FONTE – USDA.
[1] Estimativa.

Deste modo, quando os **EUA** buscaram incentivar suas exportações de carne de aves, em um mercado caracterizado pela ausência de regulamentações, os resultados foram positivos. Afinal, o elevado **déficit** comercial, com o qual aquele país se debate, não só aponta para uma maior agressividade em sua política exportadora, como também termina por alimentar este processo, ao provocar perda do poder de compra do dólar nos principais mercados internacionais.

A inclusão da carne de aves no programa de subsídios denominado **EEP** (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 1, de janeiro de 1988) foi conseqüência natural das particularidades deste comércio, no qual desponta o produto de origem francesa, profundamente amparado por incentivos governamentais.

De janeiro a dezembro de 1987, os **EUA** venderam ao exterior 340,9 mil t de carne de frango e 15 mil t de carne de peru, respectivamente 33% e 24% a mais do que em 1986. Na competição pelos mercados, os avanços obtidos foram especialmente acentuados nos casos do **Egito** e do **Iraque**, países em que a presença do produto norte-americano era praticamente inexistente em 1985, e que, em 1987, adquiriram 55% de suas importações totais nos **EUA** (ver Quadro 06).

Em termos globais, segundo o **USDA**, no ano passado, as vendas mundiais de carne de aves[1] foram de

1 Excluindo-se o comércio dentro da **CEE**.

1,4 milhão de t, das quais 26% provenientes dos **EUA**, 17% da **França**[1] e, 15% do **Brasil** enquanto que, em 1986, esses percentuais foram respectivamente, de 21%, 19% e 17%.

No caso da **França**, suas vendas para fora da **CEE** alcançaram 241,8 mil t em 1987, praticamente o mesmo total do ano anterior. Este desempenho invejável, em uma fase de acirramento da concorrência, obviamente respaldou-se no subsídio considerável de que dispõe o produto francês e que, a exemplo do norte-americano, representou mais do que obtiveram os exportadores brasileiros com o programa de venda do milho, detido pelo governo com preço de paridade internacional, e com o subsídio representado pelo **Decreto-lei** nº 2.324, de 30/03/87[2].

É possível que a situação deste comércio ao longo de 1988 permaneça indefinida, atuando, neste sentido, fatores provenientes de cada um dos países em pauta. De fato, em termos de produção mundial de carne de aves, o **USDA** previu que ela se elevará em 3,9%, comparativamente ao ano passado, chegando a 30,1 milhões de t. Como o consumo deverá alcançar 29,8 milhões de t, 4,3% a mais do que em 1987, o **superávit** de 392 mil t será menor do que as 487 mil então verificadas. Em conseqüência, aquele Departamento prevê que o movimento do comércio internacional (aí incluídas as transações dentro da **CEE**) seja 1,6% inferior às 1,95 milhão de t registradas no ano passado.

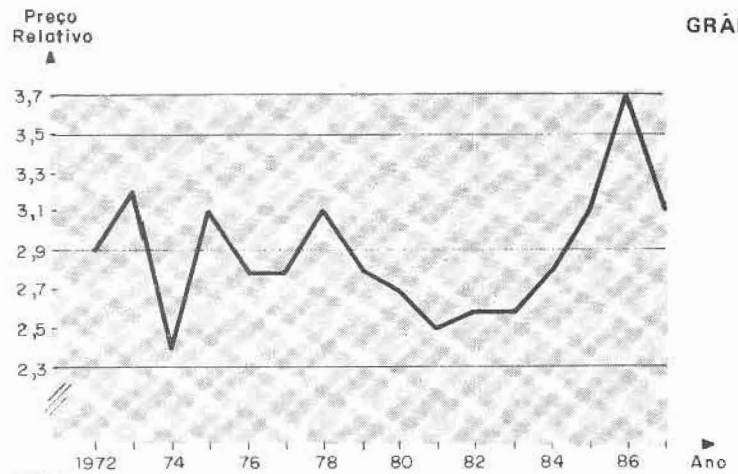
No que se refere às exportações norte-americanas propriamente ditas, o **USDA** prevê que venham a ser 11% inferiores às do ano passado, situando-se em 318 mil t, uma vez que o crescimento interno da produção deverá ser inferior ao do consumo.

Caso isto ocorra, os exportadores brasileiros sentirão algum alívio por parte da concorrência do produto norte-americano, mas permanecerá a pressão da produção da **França**. Isto porque o **USDA** previu que a produção deste último país aumentará 2,8% no presente exercício, enquanto o consumo interno deverá ficar estagnado, gerando **superávit** recorde de 350 mil t. Além do mais, os países da **CEE**, excluída a **França** (adquirentes de 30% das exportações francesas nos dois últimos anos) vêm aumentando suas produções de carne de aves e, automaticamente, diminuindo as aquisições da **França** (entre 1986 e 1987, suas compras diminuíram 3,3%).

Os produtores de carne avícola, muito provavelmente, não disporão de nenhuma válvula de escape, no que se refere ao nível do consumo interno, para aliviar eventuais estrangulamentos no mercado externo. O fato de se estar em plena fase de **vale** dos preços da carne bovina, dentro da evolução tradicional do ciclo pecuário, e o processo de **arrocho salarial**, associado ao temor de aprofundamento da **recessão** econômica, não sugerem quaisquer perspectivas de aumento da ingestão de carne avícola, no país. Além do mais, a menor disponibilidade de milho, no atual exercício, certamente pressionará para cima os custos dos criadores,[3] colocando o preço do produto final em rota de colisão com os orçamentos domésticos debilitados.

EUA – PREÇOS RELATIVOS ANUAIS FRANGO/RAÇÃO[1] 1972-87

GRÁFICO 02



FONTE – USDA.

[1] **Libras-pesos de ração de crescimento para frango, equivalentes em valor a uma libra-peso de frango, peso vivo.**

QUADRO 06 – BRASIL E EUA – VENDAS DE CARNE DE AVES AO EGITO E AO IRAQUE – 1985 A 1987 (em t)

ORIGEM	DESTINO	
	EGITO	IRAQUE
Brasil		
1985	50.019	65.629
1986	5.454	24.985
1987	–	13.333
EUA		
1985	6.198	–
1986	27.575	–
1987	26.527	58.479

FONTE – USDA e Abef.

2 Segundo estudo encomendado pela **Abef** em 1987, o subsídio total brasileiro era de 5 a 7% do preço **Fob** de exportação, enquanto o norte-americano e o francês atingiram 60%.

3 Muito embora o governo esteja estudando a aprovação de um plano de subsídio ao preço do milho com os mesmos objetivos do **Programa de Venda de Milho a Preços de Paridade Internacional**, executado em 1987.